

SESSÕES DO PLENÁRIO

61ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 20 de setembro de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADA DRA. FABÍOLA MANSUR (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano ao superintendente da Superintendência dos Direitos da Pessoas com Deficiência – Sudef, Alexandre Carvalho Barone, proposta por essa deputada que vos fala.

Convido para compor a Mesa o Exm.^o Sr. Secretário de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Cezar Lisboa, nesse ato representando a si mesmo, e ao nosso governador Rui Costa; o presidente do Conselho Estadual da Pessoa com Deficiência, o amigo, nosso querido, Waldenor Oliveira; o atual assessor da Setre, primeiro chefe do Baroni, ex-superintendente que era da Secretaria de Direitos Humanos, na época era a secretária Marília Murici, gostaríamos de convidar o Sr. Frederico Fernandes de Souza.

A Bahia é terra mãe, mais quem os trouxe a Bahia nós temos que render homenagem, então nós gostaríamos de chamar para compor a Mesa a Sr.^a Rosali Carvalho Baroni e o Sr. Décio Fernandes Baroni, pais do Alexandre Baroni; representando o Legislativo nós gostaríamos de convidar a atuante vereadora no município de Irecê, mas que representa a pessoa com deficiência, e pré candidata a deputada federal, única com nanismo que hoje nos presta essa homenagem com a sua presença, presta homenagem a Baroni, a vereadora Meirinha; a querida amiga, presidente do conselho Municipal da Pessoa com Deficiência de Salvador, extremamente atuante, foi presidente da Gerdaui, a querida Livia Borges; representando a OAB, o membro da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Dr. Sérgio Murilo de Brito Souza; representando a Setre a assessora especial da Agenda Bahia do Trabalho Decente, Sr.^a Odinete Damasceno; representando o Conselho Nacional de Administração, Conad, a Sr.^a Conselheira Anaildes Campos Sena; representando os movimentos sociais e associações, a presidente da Associação Baiana dos Deficientes Físicos, Abadef, a nossa decana Luiza Câmara, que não poderia deixar de estar presente; representando a diretoria e os colaboradores da Sudef, que é um braço direito também de todas as nossas pautas, a querida Zenira Rebouças. (Palmas)

Nós estaremos nominando todas as ilustres pessoas que aqui se encontram e que fazem parte de uma Mesa também estendida, como: representando a Defensoria Pública, Dr.^a Cláudia Ferraz; Dr. Felipe Vieira, representando o Procon; e todos os movimentos sociais que aqui se encontram.

Queria dizer que essa Mesa, eu acho que é pequena para tantas pessoas ilustres, tantas pessoas que defendem no seu dia a dia a pauta da pessoa com deficiência, portanto, sintam-se partes integrantes desta Mesa. Queria aproveitar também e registrar, por impossibilidade de sua presença, Sueli Caribé, representando neste ato o presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Pessoa com Deficiência, desta Casa, o deputado Angelo Almeida, que se encontra em atividade no interior do estado mas que se faz presente através de Sueli Caribé. Cadê Sueli? Cadê Sueli? Sueli, que está ali.

Enquanto nós compomos a Mesa, agora eu gostaria de convidar o... Enquanto Zenira se dirige aqui à nossa Mesa eu quero aproveitar e registrar a presença da Dr.^a Cláudia, que já fizemos; dando o nosso abraço ao nosso defensor público-geral Clérison; Dr.^a Cláudia, que representa a pessoa com deficiência, na Defensoria; queria saudar a representante da nossa senadora Lídice da Mata, Iara Farias, a senadora, atualmente, está pré-candidata a deputada federal, nos mandou, nos enviou um ofício que será lido em breve; Dr. Felipe Vieira; o presidente da Associação de Atletas Paraolímpicos da Bahia, Bartolomeu José Souza, aproveitando e saudar, no dia 22, Dia do Atleta Paraolímpico, saudar lhe dando um grande abraço; saudar Ângela Ventura, superintendente executiva da APAE, saudar e parabenizar pelo brilhante trabalho que faz; saudar a querida Maria Cristina Brito, superintendente da Associação Baiana de Equoterapia. Estaremos saudando os outros convidados em breve.

Neste ato, eu queria convidar o Cerimonial para conduzir a este recinto o superintendente da pessoa com deficiência, Sudef, o nosso amigo homenageado, e daqui a pouco, o baianíssimo, Alexandre Carvalho Baroni.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.)

(Palmas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Convido a todos para se colocarem em posição de respeito, para ouvirmos, neste ato, o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

Meus queridos amigos e amigas, é com muita honra que nós, hoje, dia 20 de setembro, nesta Casa, a Casa do Povo, uma Casa que outorga títulos e comendas a quem tem serviços prestados no nosso estado através de projeto de resolução, por unanimidade. Querido Baroni, esta Casa aprovou o Título de Cidadão Baiano a você.

Na verdade, havia dois projetos, do qual ficamos na dúvida inicialmente, porque você mereceria os dois, tanto o Título de Cidadão Baiano, porque baiano de fato você já é, por uma década de serviços prestados aqui, ou se daríamos uma Comenda Dois de Julho para homenagear aqueles que têm serviços prestados pelas grandes causas da Bahia.

Decidimos, então, que o título poderia significar as duas coisas. Alexandre Carvalho Baroni tem 50 anos, é paulista de Ourinho, foi criado em Maringá, e quase na metade da sua vida sofreu um trágico acidente automobilístico que, e por conta de uma lesão medular, o deixou tetraplégico. Muitas pessoas, mas não as que estão aqui,

poderiam se abater e, para além de vencer os seus próprios traumas, nada fazer para os outros. Mas esse não é o nosso Baroni.

Mesmo em Maringá, tendo de se adaptar no início de sua vida profissional, ele que é engenheiro químico... Eu só fui descobrir agora que você é engenheiro químico; ele não tem cara de engenheiro químico. No início da sua carreira profissional, como ele mesmo diz, teve suas asas cortadas. E eu nem acho que você teve, no sentido da palavra, as asas cortadas. Para além da dor de se adaptar a uma cadeira de rodas e também se adaptar ao frio de Maringá, que acredito tenham sido, Dona Rosali e Sr. Décio, já os saudando, o motivo de tê-lo trazido para Salvador também o calor humano, o calor e a temperatura, acho que ele, desde o início, superou esses obstáculos quando se tornou o criador do Centro de Vida Independente, lá atrás, em 1990 e alguma coisa.

Depois se tornou presidente do Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência, em Brasília, e se formou e fez pós-graduação em Educação Especial Infantil, pela Universidade de Maringá. Ali o engenheiro químico se despedia da profissão para iniciar uma vida de compromisso com a pauta da pessoa com deficiência.

Lendo um pouco da história da pessoa com deficiência, a gente remonta a Cândido Melo que, nos idos, há mais de 30 anos, ele e os movimentos sociais que se reuniam para defender a causa, para tirar a nossa sociedade, uma sociedade paternalista e assistencialista, ele criou, e lá foi criado o dia, pelo menos a ideia do Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência.

É com muito prazer que eu quero saudar a vocês, saudar o nosso Ilm.º Secretário Cezar Lisboa, neste ato representando o nosso governador, saudar os dois conselhos, o Conselho Estadual, Valdenor, e o Conselho Municipal, Livia, aqui presentes prestigiando, porque a importância dos conselhos, que são um movimento social, democracia participativa, é fundamental, e os conselhos sempre estiveram nesta Casa, em todas as nossas audiências.

Quero saudar também aquele que, na então gestão da secretária Marília, Frederico Fernandez, era o superintendente da Superintendência de Direitos Humanos, e decidiu chamar, nas andanças de Baroni, enquanto presidente do Conade, decidiu chamar e convidar Baroni para vir aqui à Bahia. Ele assumiu essa coordenação que, mais tarde, se tornaria uma superintendência, em 2011, Superintendência da Pessoa com Deficiência, Sudef. Ele é um decano também dessa superintendência, porque foi criada em 2011, Zenira, lhe saudando, saudando você, Anaildes, membro do Conselho Nacional. Essa Superintendência tem Baroni até hoje como seu superintendente, e é querido por todos os movimentos.

Eu queria aproveitar e saudar os movimentos falando em Luiza Câmara. Ela é decana. A Abadef é uma das primeiras associações em defesa da pessoa com deficiência.

E aqui nós temos muitas pessoas. Sintam-se todas saudadas. Eu tenho Márcia, da Aesos; Milton, da Setre; Cristina e Gilson, da Abace; tantos outros que nós vamos saudar.

Quero aproveitar e saudar o Coral do CAP que, aliás, amanhã, dia 21, faz 20 anos de existência. (Palmas)

Queria saudar Zenira e Odinete, da Setre, da Agenda Bahia do Trabalho Decente. Mas a Setre sempre esteve conosco, junto com a Sepromi, junto com a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, sempre esteve muito presente em todas as sessões desta Casa.

E eu queria, também, saudar a nossa vereadora Meirinha, que veio lá de Irecê para prestigiar Baroni. Dizer que é muito importante a eleição de pessoas que tenham compromissos com a causa da pessoa com deficiência.

A gente sabe que o meu encontro com Baroni, um encontro de vida, na verdade, foi promovido por Cristina Gonçalves, que está ali, sentada. Eu sou médica oftalmologista e neta de um cego por glaucoma, vocês já conhecem a história. E desde muito cedo na minha vida a gente tentou fazer grandes campanhas de combate às principais causas de cegueira na Bahia, de forma voluntária. Eu passei 20 anos da minha vida fazendo isso antes de estar política. O primeiro mandato que eu tive como vereadora de Salvador, Baroni já estava sentado lá e me ensinando.

Nós criamos a Comissão Especial da Pessoa com Deficiência pela primeira vez na Câmara Municipal mais antiga, Meirinha, que é a Câmara de Salvador. E foi com o aconselhamento dos movimentos sociais, mas com o aconselhamento de Baroni que nós conseguimos progredir.

Nós também estivemos lá, Ninfa, fazendo e aprovando o Plano Municipal de Cultura para nós pararmos e conseguirmos adicionar 14 emendas para o Teatro Acessível, para a Cultura Inclusiva, com o apoio dos movimentos sociais. E ontem foi o Dia do Teatro Acessível. Aliás, setembro é cheio de datas importantes: Dia do Teatro Acessível ontem; amanhã, Dia da Luta da Pessoa com Deficiência; dia 26, Prof. Milton e Márcia, Dia do Surdo. Nós não podíamos deixar de ter, no mês de setembro, esta Casa te homenageando, Baroni.

Eu quero falar de você de forma carinhosa, com a firmeza de propósito que você tem, com o homem cidadão que você é, com tudo que você faz da sua vida para superar os seus próprios obstáculos, mas adicionando, praticamente, uma vida inteira, duas décadas, mais de 25 anos em defesa da pessoa com deficiência, tentando e criando oportunidades dentro do Executivo. Porque você saiu do Conselho, você saiu do movimento social, e dentro do Executivo procurou adequar, melhorar o que já existia na Bahia.

Porque, na verdade, nós sabemos que há muitas leis em nosso país, as leis que garantem, secretário Cezar, o direito da pessoa com deficiência à cidadania plena. No entanto, temos uma distância muito grande entre o que está no nosso Livro Maior, a nossa Constituição, e a realidade.

E precisamos de pessoas em todos os espaços de poder e decisão, nos movimentos sociais, nas Assembleias Legislativas, na Câmara, no Senado, e mesmo na presidência da República, que existam pessoas que defendam essa pauta.

Nós vivemos num país com um governo absolutamente retrógrado, fundamentalista, que retira direitos não só dos trabalhadores, mas que foi uma grave

ameaça, inclusive, a direitos conquistados pela pessoa com deficiência, como o próprio BPC, direito de mulheres, direitos das pessoas com deficiência.

Mas quando formalmente não se retira direitos se retira outros tantos, porque quando você diminui orçamentos de secretarias e ministérios importantes como Saúde e Educação, naquela que foi a “PEC das Maldades”, nós estamos, sim, tirando direitos da pessoa com deficiência também.

Nunca nenhuma das pessoas, ninguém, que estão aqui, nem Baroni, com a trajetória de sua vida, quis ou quer assistencialismo ou paternalismo. Todos aqui, Livia, e eu conheço a sua luta e fiquei muito feliz de conhecer Álvaro, que está ali, sentado, que luta pela inclusão, pela plena cidadania... olhe Álvaro ali, olhe... Álvaro!.... (Palmas)

É por pessoas como Álvaro que a gente está aqui, Baroni. E é por pessoas como Álvaro que a gente faz todo um trabalho nesta Assembleia.

E a gente não podia deixar de te homenagear, de seguir o seu exemplo. Aqui, com você e com os movimentos, nós fizemos importantes audiências, como a do Passe Livre, porque precisamos avançar mais, já fizemos muito, mas precisamos avançar ainda mais para chegar aos quatro cantos dessa Bahia o acesso ao Passe Livre; a audiência que implantou uma rede de educação superior, porque nós estamos superando todos os obstáculos, aqueles que colocavam a pessoa com deficiência, sobretudo deficiência intelectual, como uma pessoa impossível de sequer atingir o nível de educação superior.

Então, já estamos falando da Educação Fundamental, acesso a uma educação inclusiva para o Ensino Superior. E, Livia, foi numa audiência aqui, conosco, nesta Casa, que conseguimos montar essa rede e essa rede já está dando muitos bons frutos.

Enfim, quero dizer para você, Baroni, que você é uma inspiração para várias pessoas. É uma inspiração para pessoas que, em tese, não têm deficiência, mas muito de vocês são muito mais cidadãos plenos, do ponto de vista da promoção de direitos que fazem, do que nós que estamos aqui, junto com vocês, tentando levar, mudar a situação que, hoje, existe em nosso país, de uma situação de não cidadania, de não direitos.

Acho que conquistamos muito, mas temos muito que avançar, e a essa altura a gente só tem que, um dia antes do Dia de Luta da Pessoa com Deficiência, que será amanhã, homenagear você.

Esse título, Baroni, é um título de baianidade que você vai ter, mas essa baianidade ela é uma baianidade... já saudando nosso Dr. Sérgio, porque é a OAB, muitas vezes lá, que garante quando as coisas não vão bem na acessibilidade.

Aliás quando Baroni aqui chegou, há quase 10 anos, ele por si só já causou uma revolução, quando o CAB e a própria secretaria tiveram que se adequar a um coordenador, que virou superintendente, que era cadeirante. Então, veja que a simples existência de Baroni ali já significou mudança.

A gente tem, aqui... esta Casa vem tendo mudanças porque a gente vem chamando a atenção para dar acessibilidade, mas muitos dos prédios ainda são inacessíveis, apesar da lei dizer assim.

Muito dos passes livres que a gente poderia estar garantindo não chegam às pessoas, o passe livre é interestadual, que é garantido, muitas vezes, no município, precisa de leis e essas leis têm que ser garantidas por vereadores em parceria com prefeitos que, muitas vezes, não entendem a necessidade de coisas simples.

A educação inclusiva, Lívia, que está garantida na Constituição, nem sempre tem salas de apoio suficientes, nem sempre tem pessoas capazes; as leis de Libras, as leis de Braille nem sempre têm pessoas que assim o façam, ou capacitadas para tal.

A gente vive num mundo ainda muito inacessível, a gente vive num mundo ainda sem a plena cidadania da pessoa com deficiência. Mas acho que quando a gente olha para o horizonte, quando a gente olha uma vida como a sua, Baroni, que inspira, que me ensina, você me ensina demais, porque ele não para... Eu não canso de dizer isso a ele: todas as vezes que a gente está junto alguma coisa de bom acho que acontece.

Mas eu quero saudar você com essa homenagem. Fiquei com medo, em época de eleição, e disse: deixa eu dar logo esse título a Baroni porque vai que eu não sou reconduzida! Então, tinha que fazer isso. E a gente combinava de fazer isso, já há algum tempo eu queria fazer isso.

Enfim, acho que temos muitas coisas que fazer.

Queria agradecer também a Dona Rosali e ao Sr. Décio, que quando Baroni saiu de Maringá, saiu de Brasília, veio para Salvador os pais foram maravilhosos, largaram tudo para acompanhar o sonho de Baroni de mudar a vida da pessoa com deficiência no país inteiro. E vocês conseguiram fazendo isso e hoje seu filho é um orgulho. Obrigada pela superação e obrigada por esse espírito. (Palmas)

Eu queria aproveitar o momento e ler para vocês o que foi encaminhado tanto pela senadora Lídice da Mata quanto... aqui tem uma carta... E trazer o abraço também do nosso ex-governador Wagner, que está em campanha para o Senado, ele que é um amigo da pessoa com deficiência e no seu governo muitas coisas evoluíram. E a gente tem aqui que ele manda um abraço carinhoso.

Mas acho que a gente precisa reconhecer que em nosso governo progressista tem pessoas que estão nas pautas, tentando, diante da crise, fazer a diferença. E, aqui, o nosso secretário e o próprio Baroni, estando aqui, fazem essa diferença. Acho que a gente tem que estar sempre fazendo mais porque para cada pequeno avanço ainda resta uma distância muito grande para percorrer.

Mas é vendo vocês e vendo essa Casa cheia, Baroni, que a gente entende que está no caminho certo, e você é uma pessoa que inspira esses caminhos.

(Lê) *“À Mesa Diretora da*

Assembleia Legislativa do Estado da Bahia

Exmo. Senhores Deputados e Deputadas,

Congratulo-me com a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em especial com a deputada Fabíola Mansur, pela iniciativa de conceder o título de cidadão baiano ao superintendente dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Bahia, Alexandre Baroni, a quem parablenizo. Infelizmente, devido a compromisso

anteriormente agendado, não estarei presente à sessão especial, porém me associo a essa justa homenagem.

Conheço o trabalho de Alexandre Baroni em prol da inclusão das pessoas com deficiência e o excelente serviço que desempenha na Sudef – Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social da Bahia. Portanto, é motivo de orgulho para nós, baianos, tê-lo como cidadão do nosso Estado.

A temática das pessoas com deficiência também a plataforma do nosso mandato que tem se colocado à disposição das lutas e reivindicações das entidades que defendem os direitos das pessoas portadoras de deficiências. No Senado Federal, apresentei projeto de lei (PLS 621/2011) que formaliza o mínimo de 10% das vagas de cursos e programas de qualificação profissional com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para pessoas com deficiência, já aprovado no Senado e encaminhado à Câmara dos Deputados onde aguarda deliberação.

Também propus e está tramitando outro projeto (PLS 587/2011) que cria o Fundo Nacional da Pessoa com Deficiência, destinado a financiar a qualificação desse segmento da população, para melhor participação no mercado de trabalho. Este projeto também prevê a criação de um cadastro de instituições de formação e capacitação de pessoas com deficiência e estabelece, ainda, que terão prioridade de financiamento treinamentos dirigidos aos setores do mercado de trabalho com dificuldades de cumprir cotas de contratação de pessoas com deficiência.

Ainda no Senado, tive a oportunidade de relatar favoravelmente o PLS 21/2016 que obriga as instituições financeiras a disponibilizar contratos em braile para pessoas com deficiência visual.

Por fim, mais recentemente, foi aprovado substitutivo nosso ao projeto que estabelece mudanças na regulação da curatela de pessoas com deficiência (PLS 757/2015). Este projeto é de suma importância, uma vez que a curatela consiste na nomeação judicial de um terceiro para cuidar dos interesses de uma pessoa incapaz e nossa proposta irá assegurar aos que têm deficiência mental ou intelectual, maiores de 18 anos, a capacidade civil em igualdade de condições com as demais pessoas.

Outra iniciativa do nosso mandato no Senado foi criar a Comenda Dorina Gouveia Nowill, que tem por objetivo agraciar personalidades de todo o Brasil que contribuem para a defesa das pessoas com deficiência. Esta honraria já foi concedida a 12 personalidades, incluindo a baiana Luiza Câmara (de Itabuna), em 2015. Dorina perdeu a visão aos 17 anos de idade, mas nunca deixou que a deficiência interrompesse sua carreira profissional. Em uma época em que livros em braille eram raros, ela continuou seus estudos e formou-se professora primária. Posteriormente, estudou na Universidade Columbia, nos Estados Unidos. Foi presidente do então ‘Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos’, hoje ‘União Mundial dos Cegos’ e criou a Fundação Dorina Nowill, para ajudar deficientes visuais em todo o Brasil.

Nossa expectativa é de que todas essas propostas que na verdade são reivindicações que nos foram encaminhadas contribuam para que as entidades e

órgãos governamentais passem a adotar políticas públicas mais voltadas às pessoas com deficiência, contribuindo para maior inclusão destas pessoas no mercado de trabalho.

Cumprimentado a todos e todas, parabenizo mais uma vez o homenageado e a deputada Fabíola Mansur pela feliz iniciativa.

Atenciosamente, Lídice da Mata.” (Palmas)

Bem, agora é chegado o momento. A Bahia conhece Baroni já pelos seus inúmeros préstimos. Agora, Baroni, você será baiano de direito.

Eu quero aproveitar, antes desse momento de outorga do título... ele está doido para receber o título logo, mas a gente vai, antes da homenagem, antes da outorga, convidar o Coral do CAP – Centro de Apoio Pedagógico, que faz aniversário amanhã, para fazer uma homenagem a você, Baroni, nos brindando com três músicas. (Palmas)

Enquanto o CAP se prepara, eu recebo o abraço do presidente da Casa, Angelo Coronel, que estaria aqui, que lhe manda parabéns, mas ele está numa atividade de campanha.

Quero também ler as palavras do deputado Angelo Almeida.

(Lê) *“Hoje é um dia de reconhecimento ao trabalho e empenho de um companheiro que tem sido um importante agente defensor e multiplicador da causa da Pessoa com Deficiência na Bahia, tendo contribuído para diversas conquistas em nosso Estado.*

Parabenizo a deputada Fabíola Mansur.

Por compromissos agendados anteriormente, lamento não participar deste momento ímpar”.

Enquanto isso, vamos registrar as seguintes presenças: representante da Associação Baiana de Cegos; vice-presidente do Conselho Municipal das Pessoas com Deficiência, Antônio; Juliana Nery, coordenadora da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social; Damião de Jesus Silva, atleta especial; Gilson Coelho, diretor da Abaci, Associação Baiana para Cultura e Inclusão; Hildete Oliveira Campos, diretora da Associação Baiana de Distrofia Muscular, presidente em exercício; Genival Santos Ribeiro, da Associação do Atleta Paralímpico da Bahia; Apio Vinagre, controlador da Controladoria-Geral de Lauro de Freitas; Denise da Rocha Tourinho, superintendente da Secretaria de Justiça; Jane Christian, auditora de saúde pública da Sesab; Adson Costa Ribeiro, coordenador da Sudef; vereador Hilário, de Wenceslau Guimarães; ex-prefeito Jorginho, de Salinas; Adriana Santos, assessora da Secretaria de Juventude da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas; Ana Rita Ferreira, diretora de ação social da Apalba; Barbara Trindade, presidente da Comissão de Direitos Humanos de Cajazeiras; Lauro Ramos, diretor de planejamento da Secretaria de Justiça; Ângela Ribeiro, diretora de planejamento e gestão da Secretaria de Justiça; Narciso, presidente da Federação das APAEs do Estado da Bahia, sendo representando por Derval Freire Evangelista, primeiro diretor; Sérgio Carvalho, diretor-geral da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social; e Emiliano José, o nosso escritor e também superintendente

da Secretaria de Justiça – aliás, autor de um grande livro sobre o nosso querido governador Waldir Pires.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Parabéns ao Coral do CAP; na verdade, parabéns duplo, pelo seu aniversário.

Queria convidar Adriana, irmã de Baroni, a Sr.^a Rosaly e o Sr. Décio para fazermos a entrega ao superintendente do Título de Cidadão Baiano. (Pausa)

Depois uma década na Bahia vencendo desafios, agora, Baroni, você é oficialmente da Bahia. (Palmas)

Em geral, em entregas de títulos nesta Casa, falam o proponente e o homenageado. Mas o secretário Cezar Lisboa, neste ato representando o governador Rui Costa, fará a sua homenagem a Baroni por esse título que lhe foi concedido agora. (Palmas)

O Sr. CEZAR LISBOA:- Baroni, eu vou falar daqui mesmo para ficar mais perto de você, aqui do seu lado.

Bom, primeiro, quero fazer uma homenagem bastante forte à deputada Fabíola Mansur por esta iniciativa, que acho extremamente importante para todos nós que mexemos com a causa das lutas sociais aqui na Bahia.

Saúdo o presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Valdenor Oliveira; o assessor da Setre Frederico Fernandes, que sempre acompanhou as questões das políticas sociais na Bahia, uma pessoa muito importante em relação a essas lutas; a vereadora Meirinha, lá de Irecê, município que dá uma aula nessa área de participação e de presença da pessoa com deficiência na Câmara de Vereadores. Isso é muito importante e exemplo para todos os municípios da Bahia.

Quero também saudar a presidente do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, em Salvador, Livia Borges – vou chamá-la de presidenta, porque a palavra existe nos nossos dicionários há muitos e muitos anos. É a palavra correta para se chamar uma mulher, e não presidente; o membro da Comissão de Defesa das Pessoas com Deficiência da OAB, Sérgio Murilo de Brito Souza; a Sr.^a Assessora Especial da Agenda Bahia do Trabalho Decente da Setre, Aldinete Damasceno; a Sr.^a Conselheira Nacional do Conade, Anaildes Campos Sena; a Sr.^a Presidenta da Associação Baiana de Deficientes Físicos, Luiza Câmara, pessoa que sempre fez parte dessa luta e é a própria história dessa luta aqui na Bahia; a Sr.^a Diretora da Sudef, Zenira Rebouças; e o Sr. Superintendente dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Alexandre Baroni, nosso homenageado, de quem eu quero falar um pouco mais.

Mas quero, sobretudo, fazer aqui uma homenagem muito especial ao pai e à mãe de Baroni. Sr. Décio Fernandes Baroni e Sr.^a Rosaly Carvalho Baroni, eu sei o orgulho que deve ser ter um filho tão especial, tão de luta, tão doador da sua alma às pessoas, como é o nosso amigo Alexandre Baroni...

Bom, eu, particularmente, não vou falar sobre a vida de Baroni. Acho, inclusive, que a deputada Fabíola Mansur já fez aqui uma referência à riqueza da vida

dele ao longo dos seus 50 anos de vida. Também não vou falar sobre as ações, nem necessariamente dos nossos projetos do governo nessa área, até porque Baroni, quando for falar, ele mesmo, a sua própria história aqui na Bahia se confunde com essas ações que o próprio governo do estado da Bahia tem feito desde a época de Jaques Wagner e, agora, à época de Rui Costa nesse setor, tanto nas áreas de estruturas e coordenação e uma série de lutas.

Ontem mesmo, nós estávamos ali trabalhando na lógica de incorporar, também, a pessoa com deficiência dentro deste Programa Primeiro Emprego. (Palmas) Ontem mesmo nós estávamos fazendo isso.

Eu vou falar aqui, sim, é do que eu aprendi observando e ouvindo Baroni. E quando eu falo de Baroni, estou falando, aliás, está em moda, agora, neste momento político, não necessariamente numa pessoa, mas de uma ideia, uma ideia que incorpora tanto ele como o movimento da pessoa com deficiência e todos aqueles que participam desta luta.

Falarei do que eu aprendi com ele, não necessariamente ele me falou assim com essas palavras, mas direi a forma, de maneira imprecisa, com que eu vou traduzindo o que eu vou vendo, melhor, os ensinamentos que ele vai me passando. Mas eu queria falar de quatro coisas que eu aprendi bastante com Baroni durante esses tempos.

A primeira coisa aprendida foi distinguir, do ponto de vista filosófico, o quanto uma abstração mesmo de conceito, a diferença profunda do termo pessoa com deficiência daquilo que se chega a considerar alguém como deficiente: uma diferença entre um estado e uma substância. Ser uma pessoa com deficiência é uma contingência, um modo fenomênico do aparecer dos seres da gente, uma forma de estar no mundo, um jeito de navegar na nossa própria existência e na nossa própria finitude. Já a ideia de ser deficiente, como apregoa o pensamento conservador, é uma substância enquanto algo cristalizado, algo que é estanque, uma forma de paralisar a nossa compreensão sobre o outro e a realidade. E isso eu aprendi com Baroni.

Daí, eu aprendi uma segunda coisa derivada dessa primeira. Eu aprendi que nós, como seres humanos, para sermos plenos, temos de constatar que nós todos, sem exceção, somos pessoas com deficiência, porque jamais atingiremos a completude humana e estamos, sempre, nos fazendo e refazendo em nossas limitações e em nosso desejo de superar as adversidades e de conhecer mais profundamente a vida e os seus mistérios.

Há uma terceira coisa também aprendida com Baroni. E essa lição é, até, mais ou menos, recente. Aliás, aprendi não só com ele, como eu falei, mas ele deu uma ideia através de todas as pessoas que participam com ele nesta luta. Aprendi a pensar sempre no conceito de acessibilidade como um conceito muito mais amplo e muito mais interessante, um conceito que eu chamo de antropológico e que não se restringe aos termos mais arquitetônicos pelo qual o senso comum entende o tema, inclusive como também eu entendia antes. Nesse sentido, passei a entender o conceito de uma forma muito mais ampla e muito mais antropológica.

Aqui, a acessibilidade é vista em suas múltiplas dimensões, tanto a dimensão arquitetônica que eu já falei, mas também a dimensão comunicacional, a dimensão atitudinal, programática, metodológica, instrumental, natural, indo além da ideia de construir, apenas, rampas e pisos táteis, mas uma visão que se traduz na prática que visa a assegurar mobilidade e acesso à comunicação, à escola, à formação profissional, à linguagem inclusiva como a língua Libras, à saúde, ao esporte, ao lazer, à campanha de visibilização, à promoção de inclusão social dentre tantas outras coisas.

Este mesmo prazer que eu tive, esse sabor que eu tive nessa descoberta junto com ele e com seus companheiros, eu também vi estampado nos olhos do governador Rui Costa no dia em que eu fui, exatamente, discutir com ele esse tema a partir dessa ótica. Há a certeza de ser necessário dar alguns saltos de qualidade nas políticas públicas voltadas para pessoas com deficiência, que é fazer a Bahia humanamente mais acessível.

Há uma quarta coisa aprendida com Baroni que eu quero, aqui também, compartilhar com vocês. Trata-se do lado de solidariedade, companheirismo e, sobretudo, paciência.

Alguém pode estar se perguntando e imagina eu aprendendo lições de paciência com Baroni, mas aprendo sim. (Risos) Aprendo quando ele consegue mobilizar pessoas com deficiência em toda a Bahia para participar dos processos cívicos e de cidadania na luta e na mobilização; quando ele tem a sensibilidade de ouvir as pessoas em suas necessidades; quando defende a inserção social e o acesso aos bens públicos para todos; quando ele olha para as coisas e os fatos com um olhar humanista de quem vê, na nossa incompletude, as nossas mais profundas potencialidades.

Então, em nome de toda a secretaria, em nome dos meus colegas da secretaria aqui presentes, em nome do governo da Bahia, em nome do governador Rui Costa, eu gostaria de dar um grande abraço em Baroni e dizer a ele o seguinte.

Parabéns, meu conterrâneo!

Há uma Bahia para sempre na sua alma. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Muito bem.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Tenho a honra de passar a palavra ao nosso querido novo conterrâneo e cidadão baiano, mas cidadão em defesa da cidadania universal da pessoa com deficiência, Alexandre Baroni, o baiano. (Palmas)

O Sr. ALEXANDRE BARONI:- Boa tarde.

Bom, pessoal, antes de mais nada, eu gostaria de agradecer a presença de todos. Até para não ficar muito chato ou muito repetitivo, as pessoas aqui presentes já foram nominadas, pois todas são pessoas que eu conheço há algum tempo, para não dizer muito, mas, pelo menos, acho que a gente tem muita gente.

E há, também aqui, Fabíola, muitas pessoas na plateia que, talvez, você não as conheça ou não tenha tido um contato imediato, mas são pessoas que, hoje, me emocionam de verdade por estarem aqui.

Estou falando de Márcia, Fabiana já foi, Iara, Vera, Miriam, Leilan, Rose, Fred, que está aqui à Mesa. Essas são pessoas que começaram, aliás, com quem eu tive o primeiro contato, na verdade, aqui no estado da Bahia. Essas são as pessoas componentes da equipe técnica da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos da extinta Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos. E essas são pessoas a quem eu, muito e de fato, gostaria de agradecer por suas presenças, pois me emocionam estarem aqui.

Há, aqui, obviamente, outras tantas pessoas de outras entidades. Estou vendo Laura do CRP, estou vendo os mais recentes como Iara e Ana Paula que passaram pela Secretaria de Justiça e, agora, estão lá na Sema. Há Fátima, minha grande colega, também da Secretaria de Justiça, que, agora, está na Secti.

Não sei se vou reconhecer todo mundo, mas, obviamente, a minha equipe está toda aqui desde alguns estagiários; Ápia Fortaleza está lá em Lauro de Freitas. Enfim, eu acho que Cris, lá no fundo, jornalista, começou um trabalho fantástico, pois era estudante de jornalismo e queria fazer um bocado de coisa. E a gente não conseguiu ainda, não é Cris? Mas vai sair.

Então, assim, eu queria dizer que este é um momento muito especial para mim, o de estar aqui neste espaço obviamente.

Ah, eu me esqueci de falar de Liliane, pois ela é minha queridíssima amiga. É! Me ajude! Helô? Helô foi assessora de comunicação, também, da nossa Secretaria de Justiça. São pessoas que vieram. Há Samuel, Thais, Sérgio. Denise está aí ainda? Está, né? Foi, também, a minha segunda chefe. Bem, quanto às pessoas não citadas, não se sintam...

E, aí, eu comecei a pensar. Confesso a vocês que pensei em um bocado de coisas e algumas coisas passaram-se pela minha cabeça nesses dias. E eu tentei fazer uma apresentação muito rápida para tentar garantir que eu não me emocione e não fale um bocado de bobagens, porque, senão, é complicado.

Obviamente, eu tenho de agradecer à Fabíola, porque Fabíola, como ela mesmo disse, faz parte deste trabalho e desta coisa que a gente vem fazendo há muito tempo. E, óbvio, traz um significado especial sobretudo na medida em que as pessoas vivem dizendo isso muitas vezes e eu acho que a gente tem que reforçar isso. Luiza está aqui e não me deixa mentir.

Vejam, há a ideia de que nada sobre nós é nosso, ou seja, nada sobre as pessoas com deficiência sem as pessoas com deficiência é fundamental. Eu acho que a presença das pessoas com deficiência em todos espaços é fundamental.

Cezar acaba de fazer uma fala que diz isso muito claro. Isso significa que quando a gente ouve um secretário de Estado dizer que aprende com um superintendente é muito bom. Eu queria, Cezar, de fato, agradecer, também, a você de coração pela fala feita por você. A gente tem uma relação não tão longa assim, mas é uma relação muito próxima, muito bacana, assim como eu tive com os outros

secretários. E isso demonstra o quanto é legítimo a presença de vocês nos espaços que vocês ocupam em que pesem vocês não serem pessoas com deficiência ou, pelo menos, em tese, como disse Cesar, “todos somos”. Eu acho que isso dá o tom do que a gente está falando.

E eu tentei aqui resgatar um pouco da história só para não me perder. E, aí, é assim. Eu cheguei à Bahia em 2 de janeiro de 2009. E, aí, essa foi a minha chegada. Obviamente, imaginem vocês, porque eu estava saindo da Conferência Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no dia 3 de dezembro de 2008, depois do convite aqui, em setembro de 2008, o convite que Fred me fez para estar aqui junto com a secretária Marília Muricy e o ex-governador Jaques Wagner... E aí eu saí de uma coisa absolutamente complexa, grande, a gente coordenou a 2ª Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, em Brasília. E aí, eu saí de Brasília, voltei para Maringá, vim para Salvador fazer o teste, a minha nomeação – foi feita no dia 10 de dezembro, na verdade –, e aí eu fui passar pela perícia médica. E aí, César, quando você falava ontem da dificuldade com a perícia médica do estado, eu contava para o pessoal ontem que eu passei uma hora com a perita médica do estado, e ela, não satisfeita com o que tinha visto e ouvido, ainda passou, pediu a uma outra colega que viesse lá. E aí, as duas conversando, no final deram o o.k. para eu trabalhar como superintendente porque parecia meio ilógico alguém na minha condição física ser, à época, coordenador do estado na área da pessoa com deficiência. E aí, Fred teve que se virar literalmente, porque teve que fazer um banheiro adaptado. Roubaram o banheiro da sala dele, fecharam a porta de um lado e abriram da minha. As nossas salas eram uma do lado da outra, e aí ele perdeu o banheiro para mim. E foi uma coisa bacana porque aí já começou de fato a desconstrução toda do trabalho.

Então, a gente começa uma nova casa, um apartamento. Na verdade, a gente sai de uma casa em Maringá, uma casa acessível, uma casa toda adaptada e aí, por contingências de custo, de pressa e de uma série de coisas, eu tenho que sair de uma pousada, onde eu fiquei durante 24 dias com meu pai... E a minha mãe lá, cuidando da mudança, a gente aqui, eu trabalhando e vendo um lugar para morar porque não dava para ficar eternamente numa pousada. E aí a gente começa com isso uma nova trajetória.

A gente começa o desafio da mudança.

Volta só um pouquinho aí! Isso!

O desafio da mudança, pode passar, pode passar.

Essa foto, na verdade, eu trouxe... Eu vou pedir desculpas às pessoas cegas que estão na plateia. Não vou fazer a descrição das fotos, a gente não tem a descrição. E aí, se eu conseguir em algum momento, são muitas fotos, eu não quero estender, mas em algumas delas talvez eu pare.

A gente chega aqui... E aí uma das coisas que são importantes é que uma coisa é visitar e passear em Salvador. Outra coisa é morar aqui, ser morador da cidade de Salvador. E aí, eu confesso a vocês que isso é um desafio para quem chega aqui porque a gente precisa se adaptar à cultura, à língua, à realidade social e, sobretudo,

ao impacto entre a Salvador da propaganda que a gente vê lá no Sul, no Sudeste, aonde a gente morava, e a Salvador real. E a Salvador real... Essa foto é simbólica porque foi o primeiro colégio público que eu visitei aqui. Eu recebi uma ligação: “Olha, nós estamos aqui fazendo uma rampa, parece que tem algum problema, tal, você pode vim ver?” E eu fui. E esse colégio é lá em Pernambués. Quando eu cheguei lá – vocês estão me vendo lá em cima –, eu não tive coragem nem de descer na rampa, nem de descer carregado na escada. E era uma rampa absolutamente absurda, uma coisa louca. E aí eu comecei a perceber qual era o tamanho do desafio que a gente tinha para vencer, não só, obviamente, em Salvador, mas na Bahia toda. Pode passar...

Aí a gente vai para um momento que eu chamei aqui de trabalho, que talvez seja, obviamente, o momento mais importante e o desafio que estava posto, que era: primeiro...

Pode passar! Tem uma foto aí minha com presidente Lula e o vice-presidente Alencar. É uma foto simbólica, porque o presidente Lula está segurando a camiseta da Campanha da Acessibilidade, que foi uma campanha que circulou por muitos anos na minha gestão, enquanto presidente do Conselho Nacional. Foi uma campanha nacional de acessibilidade, que foi encampada pelo governo federal. E na pessoa do presidente Lula, quando a gente entregou a camiseta, foi também feita.

Assim, eu precisava, naquele momento – porque eu tinha passado quatro anos e meio em Brasília, à frente do Conselho Nacional –, me desligar das ações do Conselho Nacional, para poder me focar e garantir que as coisas acontecessem aqui.

Então, eu tive que mudar a chave. Chegar aqui e mudar a chave. Eu brincava muito, Fred sabe disso. Muitas vezes eu recebia mais ligações de Brasília do que daqui da Bahia. Então, eu passei um tempo para poder me organizar e reorganizar. Mas foi importante.

A foto seguinte, na verdade é uma foto que representa um pouco... Aquilo era a sala. Não dá para ver o banheiro ali, viu, Fred? Mas está quase ali. Você vai lembrar. Na verdade, essa é a primeira sala da Coordenação Executiva dos Direitos das Pessoas com Deficiência. Era uma sala tímida, pequena. A equipe era eu e eu mesmo. Mas a gente tinha lá a Cristiane, que não está aqui hoje. Não pôde estar. Uma pessoa com quem tive uma relação muito próxima e que hoje está com problema sério de saúde. A gente está cuidando para que ela possa melhorar.

A gente começou daí. E tivemos que dar continuidade ao processo. Primeiro: que foi iniciado em 2007. É importante que se diga que todo esse trabalho não foi iniciado por mim. O governador Jaques Wagner, por força – e estão aqui várias pessoas do movimento que fizeram esse trabalho à época, em 2006, durante a campanha do então candidato Jaques Wagner, para que existisse, no âmbito do governo do estado, porque não existia nada, uma área executiva, uma área que cuidasse e pensasse em políticas públicas para as pessoas com deficiência no estado da Bahia – se comprometeu. O então secretário da Relações Institucionais, Rui Costa – que hoje, por acaso, é governador –, foi a pessoa que intermediou, fez a interlocução com o movimento de pessoas com deficiências no estado da Bahia, para

a criação dessa coordenação executiva. Essa coordenação foi criada logo no início da gestão do governador Jaques Wagner.

A primeira pessoa que assumiu, de 2007 a 2009, antes da minha chegada, foi a companheira Regina Tala, que estava aqui na Bahia, uma companheira valorosa que chegou e deu início aos trabalhos. A equipe depois foi desligada, saiu em 2009, quando eu então venho e assumo a coordenação.

Esse trabalho, reconhece a Bahia, eu como um dos grandes desafios. Aí, a primeira coisa que eu faço é colocar o mapa da Bahia na sala, porque a Bahia não é Salvador. A Bahia é muito maior do que Salvador.

Quando eu olho para aquele mapa e vejo aquele pontinho pequenininho ali eu digo: “Meu Deus, o que é que eu vim fazer aqui?” Aí, muita gente – eu digo para vocês que muita que gente mesmo – que não é baiano me disse: “Rapaz, você é maluco. Você não tem noção do que você está fazendo e nem do que você pretende fazer”. Eu disse: “Bom, o desafio está posto, eu não vou voltar atrás, eu quero ir e eu tenho vários motivos para estar aqui. Um deles é obviamente a temperatura, o clima que me trouxe com certeza para cá. Mas, muito mais do que isso, o clima e as pessoas que, de alguma forma, acreditaram no meu trabalho, acreditaram no que eu podia fazer, e o desafio, naquilo que eu sempre fiz a vida toda, me desafiar e ver os desafios sendo vencidos.

Fazer com que a estrutura aumentasse, buscar parcerias para trabalhar, porque eu sempre disse desde o começo que ninguém faz nada sozinho. Se hoje estou aqui reconhecidamente com algum tipo de trabalho feito, esse trabalho tenho porque tem sempre uma parceria muito grande de todas as pessoas.

Eu queria falar um pouco das conquistas que a gente teve ao longo desses 10 anos, que me parecem bastante importantes. Manter o diálogo entre o estado e a sociedade civil, respeitando as deliberações da Conferência Estadual do Direito às Pessoas com Deficiência. Nesse ponto eu quero fazer uma ressalva: quando cheguei aqui, em janeiro de 2009, tinha acabado de acontecer, em setembro, a II Conferência... Foi setembro de 2008... Eu até estive aqui na abertura, quando inclusive a gente teve um diálogo... Então havia muita demanda posta pela conferência, pela sociedade civil, que a gente tinha que dar conta. Então não dava tempo para ficar pensando nem planejando e nem se preocupando com o que não tinha sido feito ou que tinha sido feito. Vamos trabalhar! E nesse ponto eu quero muito agradecer a todas as pessoas com deficiência e, sobretudo, aos movimentos, às organizações da sociedade civil, muitas delas estão aqui, e as outras que não estão, estão no interior do estado. Hoje não estão aqui porque estão se organizando para o dia 21 de setembro, que é amanhã. Então, quero agradecer nesse ponto a muitas coisas que foram acontecendo.

Aí tive que retomar – foi o primeiro trabalho, talvez o mais desafiador e o grande trabalho que fiz à frente da coordenação – o diálogo para o processo de construção do passe livre da lei, que garante o passe livre intermunicipal para pessoas com deficiência. E esse foi o meu grande desafio que foi posto para a coordenação. E que só teve êxito em 2012, na verdade no final de 2011, quando o então ex-

governador Jaques Wagner também fez a mesma coisa, foi para a Assembleia e disse: “A gente vai aprovar a lei, e aí, em que pese todas as relações...”. E aqui eu quero deixar o registro de que Zenira, àquela época comigo e com Evangel, que não está aqui hoje, não pôde estar, e com outros tantos, Luiza, que veio para Assembleia, a gente conseguiu, depois de grandes e intensos diálogos, aprovar o que eu penso que talvez seja o grande diferencial, hoje, das pessoas com deficiência no Estado da Bahia: a gente tem mais de 31 mil beneficiários, hoje, no estado da Bahia, já utilizando o Passe Livre Intermunicipal (palmas). Parece muito quando a gente fala de números, mas a gente sabe que ainda é pouco.

Eu quero reforçar as suas palavras, Fabíola, que a gente precisa evoluir nesse processo, porque a gente tem, no estado da Bahia, segundo dados do IBGE, de 2010, três milhões e meio de pessoas com algum tipo de deficiência. Provavelmente esse número já deve ser, em 2020, maior do que era em 2010. Mas a gente tem ainda 235 mil pessoas com deficiência em todo o estado, que recebem BPC, ou seja, pessoas que, além de serem pessoas com deficiência, estão numa condição de miserabilidade, já que o BPC pressupõe que as pessoas tenham uma renda de uns quatro salários mínimos. Então, assim, a gente está muito distante de atingir aquilo que a gente acha que é o mínimo, que é pelo menos essas 230 mil pessoas que têm BPC porque todas têm direito ao passe livre intermunicipal. Então a gente tem um desafio grande para vencer nesse sentido, mas a gente já avançou. E não tenha dúvida, é fruto de muito trabalho.

Dialogar e conquistar a criação da superintendência, como você falou. Nós éramos uma coordenação; de novo, em 2010, o movimento se reuniu, fez um grande trabalho junto ao ex-governador e então candidato ao segundo mandato Jaques Wagner. Ele se comprometeu com a criação de mais uma superintendência, cumpriu a palavra, como sempre fez, e em 2011 criou a Superintendência dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Eu fui convidado para ser superintendente e aqui estou desde então.

A gente fez muita coisa na área da acessibilidade, e óbvio que não dá para falar de todas, mas uma delas foi a rota do Pelourinho Acessível. Estão aqui os arquitetos, Maria não está, mas Adson está aí, Daniel, enfim, são as pessoas que foram responsáveis, junto comigo, por pensar, imaginar uma coisa que parecia impossível. Porque, imaginem vocês, pensar numa rota acessível dentro do Pelourinho, o lugar, talvez, na minha opinião, mais inacessível em Salvador – um dos mais –, mas o mais simbólico... Então quando a gente pensou em fazer aquilo lá, de novo fomos chamados de malucos, e aí a gente teve de fazer um bocado de trabalho para poder convencer um bocado de gente. A gente conseguiu fazer isso, e foi muito bacana.

A partir daí várias outras coisas vieram. A gente estava falando aqui de acessibilidade no Parque de Pituaçu; agora, recentemente, no Jardim Zoológico. Ontem a gente estava num evento no Tribunal de Contas do Estado, o pessoal do Inema estava lá, estão lá as demandas colocadas, e a gente fazia as necessidades no Jardim Zoológico de Salvador. Não está fácil pensar naquilo porque lá é bastante complicado, mas a gente está trabalhando nisso. A gente conseguiu fazer várias coisas nessa área de acessibilidade.

A gente conseguiu uma coisa bacana, e aqui quero agradecer, de pronto, a Evangel e Valdenor, que têm sido batalhadores por essa questão, que é criar e ampliar a participação das pessoas com deficiência do interior do estado da Bahia no Conselho Estadual do Direito da Pessoa com Deficiência. Hoje a gente tem 11 municípios representados no Conselho Estadual do Direito da Pessoa com Deficiência. Eu acho que isso é um processo que avança porque cada vez que esse conselho se reúne ele traz para a gente, ou aqui, ou agora, mais recentemente nas reuniões itinerantes, as demandas que vêm, de fato, do interior. A gente tinha um conselho estadual, no início, que era um conselho, no máximo, metropolitano e hoje é, de fato, estadual, (palmas) então a gente tem aí um avanço que eu particularmente acho muito importante.

Nesse trabalho... eu fiz um resgate aqui, só para que a gente tenha uma dimensão do que estamos falando: a gente fez desde quando eu cheguei, em janeiro de 2009, até setembro, até o mês passado, 105 reuniões no Conselho Estadual do Direito da Pessoa com Deficiência. Então, assim, em nenhum mês, em nenhum ano que se passou, a gente deixou de fazer a reunião do Conselho Estadual. A gente até teve que fazer um... foi um momento difícil este ano, por conta dos recursos, mas César estava lá e garantiu, imagino eu,... Valdenor está do lado dele, e já sei que cutucou. Você não vai parar, não é? Mas a gente está conseguindo manter uma coisa que a gente entende como importante, que é a participação social das pessoas com deficiência nesse processo de construção das políticas públicas.

A gente já realizou nesse período duas conferências estaduais, com 45 conferências territoriais nessas duas conferências, fruto mais uma vez de muito trabalho da equipe toda da superintendência, muitas vezes até viajando, fazendo um bocado de coisas difíceis, mas a gente conseguiu fazer isso. E aí a gente vence o que talvez seja o maior desafio...

Pode passar. (Procede-se à apresentação de slides.) Eu queria ver a outra foto.

(...) Algumas pessoas vão lembrar dessa data, dia 5 de setembro de 2014, quando a Secretaria de Justiça, o prédio da antiga Secretaria de Cidadania e Justiça, pegou fogo. O térreo da secretaria, que na verdade foi onde pegou fogo, foi o mais afetado e era onde a superintendência funcionava.

Então, numa sexta-feira, às 9h da manhã, a superintendência literalmente sumiu. Sumiu no incêndio que obviamente não foi intencionado, mas aconteceu. A gente não tinha mais nada, absolutamente nada, aí nós passamos o final de semana todo discutindo o que fazer, e na terça-feira a gente estava trabalhando numa sala improvisada na Secretaria de Educação, em outra no Inema, enfim, em três lugares que agora não me lembro.

Mas a gente não parou de atender as pessoas com deficiência do Passe Livre, a gente não parou de fazer reuniões, a gente não parou absolutamente nada. Então isso para mim é uma grande conquista. É um grande orgulho falar que nem com o incêndio a gente deixou de funcionar, e isso é fruto do desejo de fazer com que as coisas acontecessem.

Por fim, na verdade, quero falar de uma conquista, que foi sempre ter conseguido, nessas duas últimas eleições do ex-governador Jaques Wagner e do governador Rui Costa, sempre ter colocado e sempre ter sido recepcionado nos programas de governo participativo propostos – compromissos, na verdade, do ex-governador e do atual governador – para as pessoas com deficiência, que vêm sendo ao logo do tempo concluídos e desenvolvidos.

Então, numa síntese, na verdade, eu pude trazer um pouco das coisas. Eu acho que é até uma forma de dizer porque os serviços prestados à Bahia são importantes, e por isso eu estou aqui.

Eu trouxe aqui... porque a minha vida há quase 10 anos na Bahia obviamente não poderia ter se resumido só a trabalhar, em que pese alguém... muitos acharem que... muitos dizerem que: “Poxa! esse rapaz só trabalha!” Eu até fui criticado uma vez por isso, mas alguém chegou lá na secretaria, numa mudança de secretário, o assessor do secretário disse assim: “Você que é Alexandre Baroni?” Eu disse: “Sou”. “Ah! então já sei que com você não posso trabalhar”. “Oxente! por quê?”. “Porque já disseram que você trabalha demais”. (Risos) E aí, bom, não sei se isso é um elogio ou se é uma crítica, mas, enfim, vamos lá. E aí...

Pode passar. (Procede-se à apresentação de slides.)

(...) Eu trouxe aqui um bocado de fotos, eu fui conhecer a Bahia e obviamente conhecer Salvador principalmente: Carnaval, Dois de Julho, Senhor do Bonfim, Réveillon, blocos de Carnaval de Luíza, sede do Ilê...

Pode passar. (Procede-se à apresentação de slides.)

(...) Curuzu, fui tietar...

Volta um pouquinho (Procede-se à apresentação de slides.)

(...) fui tietar Saulo, não dá pra deixar de fazer essas coisas. Fui conhecer algumas cidades do interior, poucas ainda, confesso. Estou devendo um bocado de visitas aí, quem está assistindo pelo Facebook deve estar comentando lá porque a gente fez algumas visitas a algumas cidades, mas o transporte tem sido difícil, a locomoção mais ainda, mas a gente conseguiu. Notícia de primeira mão, viu, César? Sérgio, o carro chegou hoje, viu? (Palmas) (Risos) É! Esse “baronimóvel” já é o três, viu, Cris? Tem história, é. E esse levou mais de 1 ano, esforço do conjunto, da nossa secretaria, do nosso secretário, do nosso diretor-geral, porque... Agora não tem mais desculpa – não é? – para não viajar.

É isso, eu trouxe mais...

Muito rápido, pode passar. (Procede-se à apresentação de slides)

(...) alguns desafios que eu entendo que são importantes, efetivações que minimizam a violação dos direitos das pessoas com deficiência, a gente tem um fórum hoje criado para isso: apoiar a produção de tecnologias sensitivas na Bahia. Algumas pessoas já me ouviram falar... que eu disse que não saio daqui, do estado da Bahia, enquanto a gente não tiver aqui pelo menos uma fábrica de cadeira de rodas, porque não é possível que a gente tenha um estado deste tamanho sem nenhuma fábrica de cadeira de rodas, de muletas ou de qualquer coisa desse tipo, e a gente tem

que montar tudo isso. O governador sabe disso; o secretário, idem. A gente já falou disso várias vezes, eu acredito que este ano, com o apoio e com esse compromisso colocado no PGP, a gente consiga fazer, de fato, isso acontecer.

Óbvio, com os parceiros da educação e da saúde, garantir coisas que, para mim, para nós, são muito caras: a educação e a saúde de qualidade para as pessoas com deficiência, ampliar o número de acessos de beneficiários do Passe Livre – como eu falei para vocês, a gente está longe do que a gente entende que seja o mínimo –, e avançar nas políticas estaduais de acessibilidade, com ações de todas as esferas de governo.

Como o secretário César falou, eu acho que é isso mesmo, pensamos que acessibilidade não é só fazer rampa e piso tátil, a gente tem que ir muito além disso, e a comunicação está aqui, a nossa central de interpretação de libras... Cadê a Naiara? Está aí. Nai, ontem esqueci de você, mas hoje não vou esquecer. Naiara é agora a nossa coordenadora da central de interpretação de libras do estado e tem feito um trabalho fantástico à frente da central. (Palmas) Eu fiquei devendo a ela ontem no Tribunal de Contas essa menção, além dos demais membros da equipe, acho que é bastante importante.

Botei aqui uns desafios pessoais, certo, pessoal? Porque também não posso fazer só desafios de trabalho. Eu quero... um dos planejamentos, uma das coisas planejadas, desafiadoras, é construir ou reformar uma casa, o pessoal sabe disso, para voltar a morar numa residência térrea.

Na semana passada, eu passei por uma situação: sexta-feira passada, eu estava no play do prédio, seis andares para baixo, caiu lá, estourou a caixa, estourou um cano lá e molhou tudo, os elevadores pararam, e aí eu tive que subir seis andares carregado. Confesso a vocês que não quero mais pensar nisso e quero ver... se Deus quiser, ano que vem a gente vai morar de novo numa casa térrea.

Quero perder os 10 quilos que eu ganhei na Bahia, em que pese isso não ter sido fruto da comida baiana, até porque a minha cozinheira-mor, a nossa cozinheira, de quem todo mundo conhece as delícias, faz muita coisa boa, faz moqueca, faz umas coisas aí, mas faz sem dendê. Estamos aí, estamos mudando, mas, assim, eu confesso a vocês que estou precisando perder uns quilos. Aí os grandes dois desafios: aprender a comer comida baiana, é preciso, como disse Cris hoje de manhã – não é, Cris? –, botar dendê no sangue, senão não vai virar baiano. Já fiz um desafio, o pessoal disse que tenho que comer acarajé e tudo mais, senão não tem graça; e o outro, que é o mais complicado de todos, torcer para um time de futebol baiano.

Eu sou palmeirense, e aí isso, em regra, vai me trazer grandes problemas, até porque o Palmeiras vem aqui e ganha do Vitória, ganha do Bahia, e eu tenho que ficar aí ouvindo o tempo todo o pessoal a criticar. Eu confesso a vocês que agora não tem mais jeito, eu vou ter que optar, vou ter que ver como é que vou fazer isso.

Para finalizar, eu quero fazer uns agradecimentos aqui que julgo importantes para a gente terminar. Primeiro, quero agradecer a Deus, acho que a questão da minha vida se deve muito a minha passagem, pelo que eu passei, pelo que eu vivi nesse tempo todo, nesses dias. Eu acho que nesse tempo, nesses 26 anos, eu quero

agradecer muito a Deus pelo que me aconteceu, eu sempre digo que em alguns momentos é muito difícil, quem passa por isso sabe e quem não passa não precisa passar para ter uma ideia, mas, assim, quando a gente tem a certeza de que alguma coisa tem um propósito, e eu sei que esse acidente teve um propósito, não foi por acaso, isso fica mais fácil, fica mais leve e faz com que a gente se torne pessoas melhores. Então quero muito a agradecer a Deus por isso.

Quero agradecer à vida, e à vida no sentido mais amplo da palavra, porque eu sempre dizia isso no início da minha trajetória, depois do acidente, que para mim o mais importante era estar vivo. Eu falo isso, porque, muitas vezes, as pessoas disseram, meus amigos e minha família: “poxa, talvez fosse melhor se ele tivesse morrido”. Porque eu passei muito perto de morrer, de passar para uma outra esfera, outro plano espiritual. Mas eu não fui, e acho que isso para mim tem um peso muito importante em tudo que eu faço, que é dar muito valor à vida, não só à minha, mas à vida de todas as pessoas que eu sei que como eu tem dificuldades para poder passar e superar as dificuldades por que a gente passa.

Depois, aos colegas, tem até uma foto ali dos meus 50 anos na Sudef. É só para lembrar. Mas já falaram aqui, Fabíola falou dos meus 50 anos, não tem como esconder.

Aí estão várias fotos de colegas do trabalho, dos amigos. Confesso que foi difícil escolher essas fotos aí, nem vou ficar falando delas, senão a gente não passa, mas tem muita gente aí que eu gosto de coração, são parceiros, colegas de trabalho. Muitos deles se tornaram grandes amigos de verdade.

Aí está a minha família, algumas fotos, meus tios, um deles inclusive irmão da minha mãe, ele já faleceu, foi um dos meus guardiões depois do meu acidente; a minha vozinha, mãe da minha mãe, que também já se foi; meus pais, meus irmãos, meus sobrinhos, meus avós. Aí, estão alguns momentos de alegria, de Natal, quando a gente se reúne aqui, a minha família está longe, só tenho aqui a minha irmã, de todos, o meu irmão está distante, mora em Cornélio Procopio, no Paraná. A minha sobrinha está morando em São Paulo, vai se casar com um baiano, já está quase casada com um baiano, um baiano que por acaso ela conheceu nos Estados Unidos, é uma história longa, depois eu conto, é um baiano de Feira de Santana.

E, aí, por fim, aos meus pais. E aqui quero só, sei que já está tarde, mas assim, fazer um destaque especial, Sérgio já falou, Fabíola falou, mas eu queria, é difícil falar dessas duas figuras aqui sem me emocionar (palmas), mas eu... O que você falou, Fabíola, nesse discurso todo que você fez aí, eu preciso dizer que foi fruto de uma fala da dona Rosália ontem com Aurélio. Eles ficaram uma hora, eu acho, no telefone ontem falando sobre a minha história, e ela contou tudo isso e ele contou para você, parte eu já tinha contado, mas algumas não. E ele contou mais coisas, coisas que você não recebeu e uma dessas coisas é que eles tinham propósitos de vida. Os dois formaram uma família muito cedo, são pessoas simples, de origem simples, humildes, às vezes as pessoas confundem, acham que meu pai com essa cara de senador (risos), ele já foi confundido como criador de bode aqui na Bahia.

É verdade, estávamos um dia em uma reunião, acho que foi o chefe de gabinete em Lauro de Freitas, uma vez, olhou para a gente e disse: “rapaz, você tem uma cara de criador de bode danado”, (risos), daqueles criadores que têm muitos bodes, enfim, de fazendeiro e tal. Então, são pessoas que trabalharam, meu pai saiu de casa muito cedo, aos 18 anos, saiu da cidade de São Paulo, onde ele nasceu, é paulistano de origem, foi trabalhar, foi viver a vida que escolheu, em vez de estudar, como ele dizia para a gente, foi trabalhar e construiu a própria vida dele, longe dos pais, longe da família dele, com o apoio do tio; se conheceram em Ourinhos, é uma cidade pequenininha, talvez, acho que ninguém aqui conhece ou nem ouviu falar, uma cidade de 80 mil habitantes... Ângela conhece, é verdade. É uma cidade que hoje tem, ele já está aqui bravo, porque já tem 100 mil habitantes, mas é uma cidade pequenininha. É uma cidade do interior, uma cidade que a gente aprendeu a conviver, como vocês gostam de dizer aqui e eu aprendi a dizer: eu nasci também na roça e é de lá que eu venho, minha origem é de lá. E eles formaram uma família, uma família fantástica, somos três irmãos, éramos para ser quatro, eu tive uma irmã que nasceu morta antes de mim.

Então, assim, quando o acidente aconteceu, meu pai dizia, eu já contei essa história para algumas pessoas, que ele ia fazer cinquenta anos, eu passei a vida inteira ouvindo meu pai dizer quando era menino que eles tinham uma meta, ele, especificamente, que aos cinquenta anos ele ia embora, porque ele já tinha feito o que tinha que fazer: trabalhado, feito uma família, feito filhos, dado aos filhos condição, como ele deu, para estudar, para serem alguém na vida, ele tinha que ir embora. Aí, eis que o acidente acontece, um pouco antes e ele está aí até hoje, 26 anos cuidando e tentando cuidar de mim.

E essa figura que está aqui do meu lado, ela, obviamente, como mãe não podia ser diferente, e aqui na Bahia uma das coisas que me faz muito feliz é ver o quanto os baianos dão importância à mãe. Não é que o pai seja menos importante, mas o pai pode ser qualquer um, mas a mãe não, a mainha é uma só. (Palmas)

E eu queria dizer que quando eu era jovem eles se envolveram muito com trabalhos sociais, algumas coisas que eles fizeram, e houve uma época, a gente estava até lembrando disso esses dias, que a gente ficava muito chateado porque eles tinham um bocado de filhos, eles tinham, lá, um bocado de gente grande, né, que chegava lá, chamando pai, mãe, não sei o que – oi pai, oi mãe – eu dizia, rapaz, que coisa é essa?

Era grupo de jovens da igreja, enfim, eles tinham, lá, uma série de trabalhos. Sempre foram muitos envolvidos com essas coisas e a gente ficava com muito ciúme, a gente ficava com um bocado de ciúmes – como assim? E aqui na Bahia a gente aprendeu isso, quer dizer, que a mãe e o pai, e sobretudo a mãe, por isso que eu estou falando dela, são pessoas extremamente fundamentais. E para as pessoas com deficiência, e aqui eu sei que tem Lívia, tem Luíza, mas você ao contrário, não é, Luíza? Eu estou falando de mães... Cris está aí também, da ABAE, que são mães... Quem mais está aí? Não, mas vocês são ao contrário. Eu estou falando de mães que têm filhos com deficiência, né? Jane, verdade. Então, vocês são pessoas fundamentais, Débora também está aí, né, na nossa vida. Sem vocês, com certeza, a gente não iria a lugar nenhum.

Então eu acho assim, a homenagem, Fabíola, que eu queria neste momento fazer, para os dois, é nesse sentido, é de dizer que se eu cheguei aonde eu cheguei, como César disse e como eu vou repetir, é porque eles tiveram absoluta disposição, como você também falou, de estarem comigo esse tempo todo. E aí, assim, numa conta rápida que eu fiz hoje pela manhã, só nesses 10 anos, nós estamos falando de 3.650 dias, 3650 banhos, 3650 cafés da manhã, 7230 refeições, almoços e jantares, e aí se eu for multiplicar por 24 horas a conta fica difícil.

E essas figuras estão comigo não só há 10 anos, mas há 26. Então, eles, literalmente, abdicaram da vida deles, eu já critiquei, inclusive, critiquei no bom sentido, mas já conversei com eles sobre isso, que eu não achava justo, em alguns momentos, que eles abdicassem de tantas coisas que eles têm ainda o direito de viver, de passear, enfim, de fazer porque eles têm condição e saúde para isso. Mas eles não fazem por um simples motivo e por um simples propósito que é o de estar comigo, que é o de garantir, todo dia, literalmente, todo dia eu posso acordar, ter a certeza absoluta de que eu vou conseguir sair da cama, tomar banho, comer, e se eventualmente outras coisas acontecerem, e aconteceram ao logo desse tempo, porque não é fácil, eles vão estar lá. Em nenhum momento eu tive que pedir nenhum por favor para eles para fazer isso.

Então, eu queria pedir a vocês o reconhecimento, de verdade, uma salva de grande de palmas. (Palmas).

É isso. Porque sem eles, obviamente, na pessoa deles, eu quero dizer que todos os familiares, todas as pessoas com deficiência sabem o quanto eles são fundamentais para a gente.

E é isso, eu só queria trazer aí um sonho, para finalizar, e o sonho é que a gente consiga garantir, e agora eu quero dizer, quando eu digo que esse sonho é meu, mas é um sonho que não tem como sonhar sozinho. Eu preciso de todas as forças que estão aqui presentes, as que não estão aqui presentes, mas que estão aqui, de alguma forma, um sonho que é o de garantir que todas as políticas públicas estaduais, dirigidas, pensadas, enfim, alcancem todas as pessoas com deficiência no Estado da Bahia.

(Palmas).

Eu acho que a gente tem isso como desafio, um sonho, eu digo um sonho, porque é de sonho que a gente vive, sem sonho a gente não vai a lugar nenhum, mas sem a ajuda de todo mundo, sem a colaboração de todos, e eu sei que aqui, cada um de vocês que está aqui sabe absolutamente o que eu estou falando, em nenhum momento dá para prescindir de ajuda de ninguém, absolutamente ninguém. Isso aqui não é alguma coisa que Alexandre Baroni vá fazer, porque quer, ou Cezar Lisboa, porque é secretário, ou Fabíola, porque é deputada, ou enfim, o Adenor, porque é presidente do Conselho, se não houver todas essas forças conjuntas, a gente não vai conseguir chegar nisso.

E eu acho que a gente que está aqui, Valdenor tem repetido uma frase sempre de Evangel, e que a gente gosta de dizer, que é assim: “Nós que estamos aqui com certeza somos privilegiados, tem muita gente que sequer consegue chegar aqui”. Então, a gente precisa pensar que há no Estado da Bahia muito mais gente, outras

peças com deficiência que precisam do que a gente faz. E é por isso que a gente quer continuar fazendo.

Então, eu quero agradecer a todos e a cada um de vocês, mais uma vez dizer que assim, me tornar um cidadão baiano, agora de fato e de direito, me traz não só muito mais alegria, porque, claro, não dá para dizer que é muito gostoso ser reconhecido e ser acolhido, e sobretudo ser, nesse momento, mais do que nunca recebido por vocês, que são, obviamente, o povo, talvez, mais acolhedor que a gente tem no Brasil. Eu aprendi com vocês que, assim, e a gente fala muito isso em casa, de que uma das coisas que a gente mais tem dificuldade, mais teve ou ainda tem um pouco é, por exemplo, de abraçar. Nós, do Sul, não temos esse hábito, a gente chega e diz assim: “olha, bom dia, boa tarde, como vai e dá a mão, mas vocês não, vocês abraçam, e vocês não abraçam pouco, vocês não abraçam de faz de conta, vocês abraçam de verdade, e isso é muito gostoso, a gente aprendeu isso com vocês e a gente quer aprender mais ainda do que nunca isso com vocês.

E aí traz ainda comigo, nesse momento de me tornar um cidadão baiano, a responsabilidade agora de fazer isso, de aprender a abraçar, de aprender a gostar muito de estar perto, e mais do que isso... uma coisa que Ednilson estava ali falando, e eu perguntei a ele há algum tempo. Eu disse assim: “Venha cá, Ednilson. Por que é que na Bahia tudo acaba em música, em festa?” Sabem o que ele me respondeu? “Baroni, você está num lugar onde as pessoas trabalham, e trabalham muito. Mas além de trabalhar, sabem aproveitar o que fazem”.

E aí, Ednilson, eu queria te dizer que (palmas) se eu não aprendi ainda, é porque sou mau aluno. Entendeu? Porque vocês já me deram muita oportunidade para aprender isso. Então, é isso. Eu queria agradecer a Fabíola, aos demais membros da Mesa e as pessoas que estão aqui pela oportunidade, pela possibilidade deste momento, que eu acho muito rico, muito importante para minha vida, mais uma vez. Quero dizer para vocês que o compromisso está posto, de fazer mais e cada vez mais.

Quero lembrar a todo mundo que amanhã... Eu sei que Fabíola vai encerrar, mas eu queria lembrar, fazer já aqui... dia 21 de setembro é o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência. Nós temos muitas atividades, não só na capital, mas no interior do estado. Nós temos muitas atividades, mesmo. Nós conseguimos mobilizar muito o estado da Bahia – Valdenor está aqui lembrando –, temos muitas atividades em muitos municípios do estado da Bahia. Eu acho que isso é fundamental para que lembremos que amanhã é um dia que, obviamente, não é o único dia para fazer isso, mas é um dia simbólico, porque é o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência.

Então, precisamos também estar mobilizados. E para isso, tem aí várias atividades para podermos nos envolver, nos engajar e eventualmente participar, na perspectiva de lembrar que, como sempre gosto de dizer, precisamos sair – estou falando agora como cidadão com deficiência – do nosso ciclo de invisibilidade. Se não formos vistos pelas pessoas, se não formos vistos pela sociedade, não seremos nenhum tipo de problema. E se não formos um problema, ninguém vai lembrar que tem que ter intérprete, que tem que ter banheiro, que tem que ter material em braile, que tem que ter comunicação diferenciada.

Enfim, a gente não vai lembrar dessas coisas. Se a gente não lembrar, não fazer com que as pessoas lembrem disso, a gente, obviamente, vai continuar invisível. E quando a gente fala de muita gente com deficiência, as pessoas perguntam sempre: “Onde essas pessoas estão?” E a gente sabe porque elas estão escondidas. Não porque elas querem estar escondidas, elas estão escondidas porque não conseguem, muitas vezes, nem sair de casa.

Então, é para elas que eu quero desejar o meu muito obrigado, a minha felicitação e dizer que, se depender de mim – obviamente não depende só de mim –, eu quero continuar aqui muito mais tempo. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Bem, gente, a gente finaliza uma emocionante sessão, que mostra muitas forças, a força das presenças de vocês prestigiando uma pessoa como Baroni. A presença de quase 200 pessoas. E ainda há gente para anunciar: Zé Mendonça, que chegou aí; o pessoal da Ajece, da associação de cegos, lá de Jequié, Iraí, Jucinete; o prefeito Léo, de Barra do Rocha; a assessoria de Bira Coroa e da deputada Neusa Cadore; Marcelo Cerqueira, presidente do GGB; até os PMs do concurso estão aqui, quiseram vir; o pessoal do *Facebook*, que está assistindo Baroni.

A força da luta, aqui representadas pelos movimentos sociais e pelas pessoas que se encontram nessa Mesa, a quem nós agradecemos. A força da família, que está presente, sim, e de forma significativa na vida de cada pessoa com deficiência.

A força da política, que faz com que não só as pessoas com deficiência, mas outros tantos que querem um movimento civilizatório de inclusão, de cidadania plena, possam estar junto com vocês. A força de tantas outras defesas que dizem respeito à diversidade. Temos aqui Adriano, de Jacobina, um homem trans, que teve recentemente seu nome oficialmente mudado.

A força dos conselhos que estão aqui e que fazem a diferença quando interiorizam essas políticas. A força de um governo progressista, que reconhece a importância de políticas públicas para a pessoa com deficiência. Isso tudo está aqui para você.

Seu nome, Baroni, hoje está oficialmente inscrito nos Anais desta Casa, como cidadão baiano. Mais do que isso, a força e a inspiração da sua superação pessoal, da sua luta e do seu trabalho é reconhecer a luta, que não é individual, e homenagear todos aqui presentes na Mesa e os que estão aí sentados, que fazem a diferença na vida das pessoas com deficiência. E são essas pessoas que queremos terminar homenageando em seu nome: pessoas que sonham junto com você; pessoas que sonham junto conosco, porque também faço parte dessa luta; pessoas que não desistem nunca, como você não desistiu.

Por isso, Baroni, você não foi para o outro plano espiritual, você veio para a Bahia e fez da sua vida uma absoluta defesa da pessoa com deficiência. Mais do que isso, defesa aos direitos humanos, na veia; à civilidade; à inclusão. É a isso que quero agradecer: a sua vida.

Parabéns! Viva Baroni! Viva a vida! Viva a pessoa com deficiência! Viva a luta, a luta da pessoa com deficiência, que é uma luta de todos nós! (Palmas)

Bem, Baroni vai receber os cumprimentos no *foyer* do auditório. Quero que vocês se coloquem em posição de respeito para ouvirmos o Hino da Bahia, viu, Baroni? Já perdendo que ele vai continuar sendo palmeirense e ainda não come dendê, nós podemos fazer uma oficina, um *workshop* de treinamento rápido para você adquirir sua baianidade posteriormente.

Viva Baroni! Vamos ouvir o Hino da Bahia.

Parabéns, querido! (Palmas)

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- E viva Baroni!

Declaro encerrada a sessão pedindo que vocês cumprimentem Baroni no *foyer*.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.